

ADOLESCÊNCIA: UM BICHO DE SETE CABEÇAS?

Valdeci Gonçalves da Silva

Psicólogo. Professor Titular de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
Especialista em Metodologia do Ensino de 3o grau. Mestre em Sociologia da Sexualidade

Contacto:

valdecipsi@hotmail.com

RESUMO

Este texto faz uma correlação do comportamento anti-social do adolescente, da sua adição às drogas com a estrutura da sociedade que espera do mesmo, quando ela própria não consiste em nenhuma excelência de modelo. Culpar esse ser em formação, ainda confuso na construção dos seus conceitos, consiste num paradoxo, uma vez que, a família, a polícia, a escola, a justiça e outros, deixaram de ser referências. Em virtude da morte do Pai social essas instituições não parecem autorizadas a exigir do jovem um comportamento saudável, politicamente correto, quando já não apresenta as condições mínimas, pelo menos no contexto brasileiro, de segurança, consistência dos valores morais e éticos. Na realidade, uma sociedade tóxica, na qual tem no seu entorno cotidianas violências urbanas reais e simbólicas. Assim, o adolescente com condição emocional instável e/ou psicológica conturbada vê-se impulsionado a buscar algum “refúgio” nas drogas e/ou violência. Porque a sociedade, tal qual como ele que se sente “perdido”, não oferece parâmetros de confiança e estabilidade nesta suposta *ordem e progresso*.

Palavras-chave: Adolescente, droga, sociedade, insegurança, violência, política

“Eu sou um punk anarquista... vocês são uns emos do caralho que só pensam em amor nos dias de hoje, enquanto muita gente precisa ser notada, e ouvida para que suas idéias possam fluir e assim tornarmos, ou pelo menos tentarmos melhorar essa porra deste país, Ok? Vão tentar descobrir sua própria identidade, e não ficar se escondendo atrás de mentiras, e modas...”(Anônimo - In: Frases da Adolescência).

Quando se fala em criança e adolescente, sua condição de dependentes logo remete à família e à escola, as quais estão interligadas. Muito do que ocorre com o jovem, quase sempre é produto das dinâmicas que se travam, em particular, nos núcleos dessas instituições. Para Derrida

(2001) e Roudinesco (2003), não é possível dizer sem hesitar que a família é eterna, uma vez que a mesma está em desordem, e no futuro deve ser reinventada. Certamente a família é eterna porque sempre terá gente com vontade ou necessidade de procriar. E a criança se desenvolve por meio dos seus cuidados ou algo similar. As pessoas resolvem ter filho por diversos motivos: Para se sentirem “completas”; por carência (preferível a um animalzinho), para preencher o vazio existencial e dá sentido à própria vida; para “segurar” o parceiro; para “salvar” o casamento; ou por pressão do social para o casal sem filho (sempre se insinua alguma “anomalia”). Ou seja, quase sempre o bebê já vem ao mundo com uma atribuição.

Para o ideal romântico a presença do bebê é a forma real que funde o simbólico do seu amor na mais completa simbiose. Porém, a paixão e o amor, por vezes, têm prazo de validade, e em qualquer uma dessas situações para essa “peça” adquirida não tem troca ou devolução. E, antes que ela se torne “dona do seu destino”, haja responsabilidade e esforço para garantir-lhe a sobrevivência, educação, e bem estar. É mais comum encontrar nos casais nível econômico satisfatório, do que um estado psicológico sem “ranhuras” emocionais. Muitos genitores não estão preparados, e essa tarefa se tornou ainda mais árdua nos dias de hoje, mais do que nunca é preciso muita psicologia e/ou uma estrutura de personalidade “saudável” para criar filho(s) “ajustado(s)”. Mas, nesse processo algum pecado é sempre inevitável, para um dado conforto dos pais, parece melhor pecar pelo excesso do que pela falta.

Com a entrada da mulher no sistema formal produtivo, a família deixou de ser modelo único, nuclear, liberou o homem do papel exclusivo de mantenedor do lar. Grupos familiares são mantidos por mulher(es) ou por outros modos de negociação. A união civil ou casamento gay, uma vez que tem a intenção de legalizar a paternidade ou maternidade com filhos próprios ou adotivos reforça mais ainda que a família não esteja com seus dias contados, do contrário, agora se acentua à sua reinvenção. O sistema comunitário de educação das crianças se extinguiu a partir do Renascimento, século XII, com a descoberta do “indivíduo” (RICHARDS, 1993), e os *kibutzim*, esse modo contemporâneo de convivência comunitária existe apenas em poucos países.

O que prevaleceu foi a tradicional tríade pai, mãe e filho(s), porém isso não quer dizer que tenha sido a formação perfeita, mas apenas o que se pôde, até então, se conceber daquilo que se denomina núcleo familiar. Roudinesco (2003) critica os *gays* pela perpetuação desse modelo que haviam contestado e que já se encontrava em plena mutação. Mas, esse é o referencial predominante, portanto não é de se surpreender que o tenham como exemplo de agregado. Agora, uma criança pode ter um duplo de pais do mesmo gênero com laços de parentesco.

Segundo Roudinesco (2003 - grifos da autora), a família dita “moderna” se tornou um receptáculo da lógica afetiva entre o final do século XVIII e meados do XX, e finalmente, em 1960, se impôs como “contemporânea” ou “pós-moderna”. Mas, independente das variadas formas que a família venha a se amoldar, devido às atuais mudanças, ela está inserida na falência que atinge a maioria das instituições. A família deixou de ser o ponto de apoio, o abrigo para os sentimentos em um mundo, no qual o estímulo competitivo norteia as relações. Para

Schrepferman & Snyder (apud GALLO & WILIANS, 2005), a coerção familiar está ligada a estressores intra e extrafamiliar vividos pelos pais, como ausência de apoio externo, questões financeiras e, também, por estressores que atinge as crianças, como a rejeição dos colegas, baixa auto-estima e fracasso escolar.

No entender de Mead (apud LASCH, 1991), Lasch (1991) e Roudinesco (2003), nas famílias burguesas, o desgaste da autoridade patriarcal se deu pelo comportamento do pai visitante noturno, cansado e, muitas vezes, temido e limitador do prazer dos filhos. Assim, os impediu de que se identificasse com ele no papel de autoridade, na medida em que a crescente criação dos filhos pelas mulheres enfraquecia a disciplina. Mas, nem tanto nem tão pouco, em meados dos anos 60, antes do Movimento feminista e Hippie da contra cultura, os pais ainda tinham o controle da sustentação familiar, desde então perdeu seus parâmetros, se deixou absorver sem “filtro” pelas influências sociais. Com isso, sua “coluna vertebral” se mostrou pouco sólida, certamente encobria a fragilidade de uma educação e de uma criação conduzida com bases repressivas.

A adolescência, etapa da vida ainda sem tanta responsabilidade pelas próprias atitudes, se caracteriza pela passagem para a vida adulta, na qual se espera capacidade para se auto-gerir e se responsabilizar por seus atos. Porém, alguns autores tendem a exagerar o adolescer como trágico. Mead (apud LASCH, 1991) considera a adolescência uma enfermidade, uma febre prolongada, um tumulto de amores obsessivos, e de conflito psíquico. Ao passo que Ferrari (1996) e Clerget (2004) percebem no adolescente um ser doloroso, em cujo cerne da existência está à ameaça permanente da depressão. Mas, será que não é possível adolescer sem tanta complicação, de uma maneira amena, responsável e produtiva? O verbo *adolescere* vem do latim que significa crescer. Por que crescer nessa fase tem de ser tão sofrido? Por que esse período de transição não implica apenas na elaboração de algumas perdas (também do corpo), e na aquisição de novos conhecimentos e autonomia? Embora a adolescência tenha inquietações, mas essas são perfeitamente contornáveis. A questão maior é que hoje ela se tornou, apesar de alguns “privilégios” jamais pensados, a exemplo da liberdade sexual com direitos para as moças quase iguais aos dos rapazes, um pouco mais conflitada por fatores meramente sociais.

Em vista disso, adolescer nem sempre é um oásis, mas também não parece muito justo rotular de “Crise”, além de socialmente visada como objeto do desejo sexual, a adolescência é uma fase cheia de possibilidades e vigor físico. Diferente de outro período da vida, a exemplo da Terceira idade e velhice que, geralmente são mais complicadas. A consciência das ascendentes perdas da vitalidade física, mental, do abandono e ostracismo social que, com frequência, retrata a velhice, contém mais itens negativos para se categorizar como uma fase crítica. No entanto, resolveu-se chamar pelo eufemismo irrealista de “Melhor Idade”. Em síntese, parece que os “males” estão sendo exageradamente acentuados em relação à adolescência e exageradamente atenuados no que diz respeito à velhice.

O adolescente moderno não encontra pontos de valências positivas institucionais. No geral, nem mesmo nas instituições mais tradicionais porque estão: insegura ou confusa (família); perdida nas suas pedagogias e metodologias (escola); por vezes suspeita e sem oferecer proteção (polícia); cara, morosa, e que nem sempre funciona (justiça); reserva moral que se revelou uma farsa (a atual política), e como resultado de tudo isso uma estabanaada violência urbana. Atualmente, quase todo cidadão vive esse estresse. Antes as instituições, embora mais rígidas, e, talvez, mais camufladas nas suas desordens, mas eram mais confiáveis e, de alguma maneira, funcionavam. A população tinha algum nível de paz social, era possível fazer projetos com perspectivas do realizável. Agora, além de não seguirem mais a antiga “cartilha”, não absorveram o aprendizado dessa nova lição ou pressão, que instalou o caos. Nesta sociedade, de fato, as “instituições” que nunca falham são: a Corrupção, a Impunidade, e o Crime Organizado. Este ergue seu poder fálico destrutivo bem visível em *chamas*¹ nos grandes centros, deixando vítimas do descaso ou impotência do poder público. Enfim, “entre o meio dos delinquentes e a sociedade instalada há uma espécie de guerra! Não se fala mais, faz-se a guerra”(MELMAN, 2003, p.71).

Tudo isso por conta de uma política, ou pela falta desta, isto é, justa, atuante e séria, e não da assistencialista que improvisa tudo que é *Bolsa*² - o que é muito fácil porque o dinheiro sai do bolso do contribuinte mediante os elevados e absurdos impostos -, para sustentar ociosos, e para assegurar que políticos ganhem votos. O assistencialismo é sintomático, paralisa e infantiliza os “beneficiados”, encobre o confisco dos seus reais direitos, e escamoteia a sua mobilização para efetivas conquistas por meio de seus potenciais. Porém, não tem porque se espantar com a corrupção posta, essa deformidade moral é a “cara” do país, com a conivência do povo. Os brasileiros, em sua maioria, exigem dos políticos dignidade e ética, que eles próprios não têm e nem se esforçam para que isso seja uma realidade nacional. Nas suas políticas cotidianas e miúdas, agem igualmente a alguns parlamentares, porém, com a única diferença de que suas ações politicamente incorretas, ou mesmo ilícitas não atingem populações e nem aparecem na mídia.

Nos Estados Unidos, 19% dos crimes violentos são praticados por adolescentes. Somente no Rio de Janeiro, em 1999, a taxa de homicídios praticados por adolescentes de 15-19 anos de idade, foi duas vezes maior do que na Colômbia. Se por um lado, o assassinato de adolescentes supostamente delinquentes está relacionado à violência estrutural, na qual a sociedade lhes nega o essencial (MENEGHEL et al., apud GALLO & WILIANS, 2005); por outro, os delinquentes e criminosos, de um modo geral, não se ressocializam porque para eles não compensa ou trás nenhuma vantagem (SÁ, 2001). Aos cidadãos honestos e trabalhadores, resta se apegar à fé, e rezar, muito, para continuar tendo salário, comida na mesa, e não ser recepcionado com bala perdida ou dirigida. Nesse imediatismo de guerra, tudo se reduz ao “salve-se quem poder”. E é esta a droga de mundo que crianças e adolescentes estão respirando, sentindo e cheirando.

De fato, alguns comportamentos anti-sociais dos jovens são, na realidade “...um SOS, pedindo o controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes” (WINNICOTT, 2002, p.13). A

droga não é o terror, mas o sintoma que denuncia um tremendo mal estar pessoal e, certamente, coletivo. Se droga é a tentativa de uma “saída” às avessas em relação a qual não foi possível encontrar força interior e apoio do entorno para se ter uma solução não danosa. Assim sendo, simplesmente reprimir seu uso, sem substituí-lo por algo saudável ou construtivo, é tentar abafar um “grito” que não cessar, e que pode a qualquer momento romper num outro “lugar”. Mas, o cinismo ainda apela para que, em especial os adolescentes, não usem droga, e muito menos que ela seja legalizada. Parece coerente se trabalhar o usuário de droga na proposta da Redução de Danos, pois não mais nos ocorre existir universo para organismos saudáveis. Desse modo, não é à toa que boa parte dos jovens tem se tornado egoísta, agressiva, violenta e sangrenta.

Para Dodge & Newman (apud VASCONCELLOS et al., 2006), as crianças e adolescentes com tendências agressivas mostram-se menos eficazes na codificação das informações sociais, bem como os que têm vínculos pouco afetivos com a família se envolvem mais em infrações (STRAUS apud GALLO & WILIANS, 2005). Os infanto-juvenis precisam sentir-se apoiados na sua retaguarda pela família, escola, etc., ter o sentimento de pertença que é uma das grandes necessidades humanas (SCELZA, 2002). Para, enfim, confirmar o que diz Ricoeur (apud SENNETT, 2002, p.174), quando “...alguém conta comigo, eu sou responsável por minha ação perante o outro”.

Porém, não tendo a família, etc., como significantes seguros de sustentação, atualmente crianças e adolescentes exercem uma verdadeira tirania sobre as figuras paternas. Diante de tal aviltamento, como os brasileiros tem mania de achar que tudo que aparentemente funciona no exterior sua fórmula vem a calhar na sua realidade, a TV resolveu importar a SuperNanny para exibí-la na audiência do domingo. Uma caricatura cafona, comportamental, e meio “militar” de professora-madestra. A presença dessa figura é um atestado da absoluta incompetência, do esgarçamento da autoridade e da moral dos pais. Guattari (2000) diz que todo trabalho de ajuda psicológica consiste em mudar as coordenadas enunciativas e não em dar chaves explicativas. Logo, nenhuma intervenção na família deva desautorizar ou desqualificar o poder dos pais. Mas, a Nanny não faz uma intervenção, ela atua, dirige, comanda, e assim, descaracteriza a função paterna.

Segundo Lukacs (2005), a privacidade teve mais a ver com o desenvolvimento do paramento ao culto burguês em relação à família. Esta, agora, pelo desejo de aparecer, de se tornar “sociável”, por isso permite à intromissão dessa “estranha” e autoritária que vasculha e expõe a sua privacidade. Afinal, vive-se na “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997). A atuação da Nanny nivela pais e filhos, deixa explícito para as crianças a falta de estrutura dos seus genitores, do quanto são incapazes para conduzir à dinâmica familiar, portanto são uns fracassados que não merecem respeito. Educar é, em essência, também reprimir (JEBER, 2005), colocar limites, não somente por meio de reforço e punição, mas em especial pelo diálogo que procura reestruturar, reatar e fortalecer os vínculos dessas relações.

A intervenção eficaz, em dúvida, funciona, mais ou menos, como um técnico de futebol que orienta os seus jogadores, mas independente do êxito ou da tensão de um péssimo andamento do jogo, ele não entra em campo. Essa área verde é um espaço “sagrado” dos jogadores respeitado pelo árbitro. Assim também deve ser o “campo psicológico” da interação pais e filhos. É preciso “escolher e acolher uma pedagogia amorosa e libertária, ancorada no afeto e na liberdade, bem como no princípio da *auto-regulação*” (JEBER, 2005, p.31). Ainda segundo o autor, esta é, para Roberto Freire, a capacidade de se autodeterminar, direcionar a existência conforme os padrões próprios, desejos e pulsões. Em todo trabalho de ajuda subjetiva deve ter como meta essa auto-regulação, e não o enquadre de um mero condicionamento.

A família que não aprendeu a mobilizar os próprios recursos, diante de novos conflitos, não vai saber se conduzir sozinha. Cria-se uma dependência, uma insegurança na auto-regulação, uma vez que não está presente, não o “sujeito do suposto saber” (frase de Lacan), mas a “salvadora da pátria”, fonte do próprio saber que retira de dentro da sua “cartola mágica” a melhor solução para todos os impasses. No fim de cada episódio doméstico, a Nanny se esforça para transparecer alguma emoção, mas meras manipulações de condicionamentos são formam vínculos que caiba uma lágrima. Talvez o adestramento dos ferozes *pit bulls* seja mais emocionante.

Para Erikson (apud SCELZA, 2002), é na face da adolescência que são coordenadas às concepções que servirão de base e orientação para os anos seguintes. Tem-se que adivinhar em quais circunstâncias crianças e adolescentes estão sendo nutridas desses pressupostos de que fala o autor. Agora, em quase toda situação-problema se busca uma Terceira Via, na família (as SuperNannies); na escola (os tais amigos da escola); na empresa (as assessorias, etc.); no governo (as Ongs e os movimentos solidários). Ou seja, as instituições estão sem *know-how* para exercer os papéis originais para os quais existem ou foram criadas, e, na maioria das vezes, o que é pior, encara esses paliativos para resolver seus descompassos, como se, por isso, fossem criativas e atualizadas. Quando isto, na verdade, se reduz a aceitação passiva de não se resolver perante o novo.

Os tempos modernos de caracterizam pelo embotamento afetivo e pelo tédio, em sociedades que tendem a perder os limites entre o dentro e o fora (MOREIRA, 2003). O estresse cotidiano, a sobrecarga de atividades, em particular para a mulher, a deixa meio histérica. Assim sendo, a mãe doméstica e sobrecarregada de afazeres e obrigações (até de está conforme a estética que dita o atual figurino), grita e ralha com as crianças com espalhafatosa frequência, em vista disso desqualifica sua autoridade. O marido fica na condição de “reserva”, cuja entrada nesse “cenário”, em tese, se daria em situação de extremo conflito, mas também é outro que não funciona. A neurose das crianças, quase sempre, é o reflexo da neurose potencializada dos pais, da insatisfação, da falta de entrosamento afetivo/sexual do casal. Se o adolescente não aprende a lidar com a ordem e os limites em casa, vai se deparar com os da “rua” que, certamente não

“passa a mão na sua cabeça”, e nem sempre é possível burlar, como ele espera e está habituado a fazer com os próprios pais.

Na atualidade, muitos filhos são “desconhecidos” dos próprios pais. A ausência de transparência, confiança e verdade chegaram a tal ponto que pais paranóicos, para ter alguma noção do comportamento do filho(a) investigam o perfil dos seus amigos e/ou contratam Detetive para se certificar que o filho(a) está no lugar enunciado, etc. A superproteção implícita rejeição, os pais seguros do seu amor sabem muito bem delimitar territórios. Os limites, por vezes, têm que ser colocados com rigor, mas não à toa. Se o adolescente tem motorista, não teria que ir de ônibus para o colégio, porque os pais na sua história escolar não tiveram essa mordomia, o que seria perverso. Para estar “preparado” para a vida, ou ser sensível com os mais carentes, o adolescente não precisa passar, necessariamente, pela mesma experiência de petição de miséria. Uma paciente controlava a mesada da filha adolescente, que sistematicamente ajudava nos negócios da família, diante da repetição da sua biografia de carência no passado, de modo saudável a jovem desabafou: “Mãe, você que foi pobre eu não tenho nada a ver com isso!”.

Para Bauman (2000, p.48), a família nos dias de hoje, não se encontra em melhor estado do que no passado, esta instituição parece tudo, menos um paraíso seguro e duradouro na qual se possa lançar a âncora da própria existência vulnerável e transitória. Quando se tinha alguma estabilidade, os pais educavam os filhos orientados por seus sentimentos, apesar das “castrações”, as famílias eram menos perturbadas. Com a globalização os valores mudaram, e os pais estão em meio às dúvidas, desestabilização e insegurança. Mas, à parte os ansiogênicos circunstanciais, muitas famílias têm núcleo patológico, ou atitudes de insanidade que compromete seus membros. Não é raro ter pacientes cujos parentes estão visivelmente empenhados em enfraquecê-los psicologicamente, para tirar proveito financeiro ou alívio moral. Embora tentem convencer da sua “preocupação amorosa”. Freud já denunciara a “desrazão do cotidiano” ou a “psicopatologia da vida cotidiana”, nos trânsitos das normalidades sociais.

Na vida doméstica, o amor e o ódio contidos se expressavam causando tensões, mas também alimenta a fonte da vitalidade familiar (LASCH, 1991). Mas, por vezes a pressão dos conflitos vence. Atendi a “ex-amicíssima” (paixão sublimada) de um adolescente bastante popular no colégio que, antes de se jogar do sexto andar do seu prédio, deixou um bilhete para a mãe: “Agora você vai ter motivo para sofrer!”. Havia meses ele andava desapontado, pois encontrara pistas de que os pais fumavam maconha (cannabis sativa) em casa. Embora não se saiba o motivo do seu gesto, mas, é bem provável que não tenha sido por conta disto. A paciente, também adolescente, lhe sugeriu terapia, e ouviu dele que isso é coisa de *boiola*³. Ainda com vida, depois de saltar para a morte, ele pediu desesperadamente que fizessem de tudo para salvá-lo, o que já era muito tarde. O que seria um momento de aprendizagem para elaborar juntos o impacto dessa perda, e refletir sobre esse trágico, o educandário, que têm psicólogas, fez questão de abafar, de que não houve nada. Para Elias (2001), é salutar que as crianças tenham consciência da finitude das próprias vidas e a dos outros.

O suicídio é a segunda causa morte da faixa etária dos 15-19 anos de idade, nos Estados Unidos da América. Mil jovens, de 15-24 anos de idade, morrem a cada ano por suicídio na França. Um adolescente em cada dez declara ter idéia suicida (CLERGET, 2004). O Japão tem as mais altas taxas, e o Brasil um dos menores índices, em média, 4,9 de pessoas cometem suicídio para cada 100 mil habitantes. Obviamente, não se trata de suicídios ideológicos, do harakiri, do homem-bomba, etc., mas existencial, da intempérie de não viver de acordo com os seus propósitos. Mas, o que há de comum nesses suicídios? Para Pellizzari & Almeida (2001), o homem só pode ser empurrado até um determinado ponto e nenhum passo a mais, que além desse, prefere a morte.

Por conseguinte, a morte não é temida, ela surge como uma necessidade. No entender de Clerget (2004), a tentativa de suicídio se produz quando os mecanismos de proteção à experiência dolorida são inoperantes. O depressivo tende a ruminar seus problemas e seu passado, a sentir remorso, e procura imaginar soluções por meio de alguma força oculta ou onipotente. Moraes et al. (2006) chamam a atenção para o fato das evidentes implicações sociais nas condutas depressivas e suicidas. Os conflitos básicos do depressivo suicida é o desejo de morrer, matar ou ser morto (MENNINGER apud MORAES et al., 2006).

O suicídio na infância também cresce, e é mais freqüente do que se possa imaginar. Segundo Fensterseifer & Werlang (2003), as tentativas de suicídio ou a sua consumação, está associada às crises de disciplina em casa, humilhação fora dela, culpa por não atender as expectativas dos pais, ambiente estressante, falta de afeto, negligência emocional, etc. As crianças menores usam mais o estrangulamento, o enforcamento, a precipitação sob carro e afogamento. Intoxicação é mais comum em criança a partir dos 10 anos de idade (PEDROSO et al., apud FENSTERSEIFER & WERLANG, 2003). Nem sempre a ideação do suicídio é manifesta, assim, não se percebe que o jovem está tentando se matar seja através da droga, ou se precipitando em perigos que possam ser justificados como “eventualidade”. O que não é o caso de dirigir alcoolizado e em alta velocidade, “*racha*”⁴, etc., que consiste em tentativas explícitas.

Outro aspecto relevante, nessa questão, é o culto à juventude. Os adolescentes se angustiam com a idéia do envelhecimento (CLERGET, 2004). No que é reforçado pela ênfase social de aumentar, consciente ou inconscientemente, o tempo de vida, de esconder as rugas, resistir à idéia do seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível (PELLIZZARI & ALMEIDA, 2001; ELIAS, 2001). Muitos até dizem preferir morrer jovem que chegar a envelhecer. Na opinião de Kehl (2003), a televisão apela, sim, para que todos os corpos sejam esculturais, sensuais, sadios, desejáveis, até mesmo nas condições de maiores privações os jovens de hoje ostentam corpos altivos, belos, erotizados. Ser desprovido desses predicativos pode levar à baixa auto-estima como um agravante para o ideário suicida.

Aqui serão comentados, em síntese, os casos de duas adolescentes, ex-pacientes, de aparência normal que se auto-depreciavam, se consideravam feias - uma se sentia obesa por um pouco mais de peso, tinha refluxo, e problemas sérios com o frio; a outra negava o corpo, e tinha

crises histéricas catatônicas -, e também mostrava como algumas famílias estão agonizando. A primeira, de quinze anos de idade, em suas crises de sonambulismo, por três vezes, subiu para o alto do prédio. Na parte externa do mesmo, de camisola, com os braços para trás agarrada numa barra de ferro, ensaiava, em meio à ventania, se precipitar para morte, estendia uma perna para o infinito, e alternava com a outra. Perguntei por que ela não dava o segundo passo? Ela respondeu que pensava no irmãzinho que ficaria sozinho. Falei que não era ele quem a impedia de despencar lá de cima, era o seu desejo de viver, motivo pelo qual procurou minha assistência.

Quando criança essa adolescente perdeu um parente (carinhoso, divertido e motivador) que ocupava o lugar do seu pai ausente. Por várias vezes foi castigada por não dizer a verdade, e de repente descobre que todos mentiam, o pai tinha amante, e a mãe deixava implícito que o traía, etc., ela ficou sem “chão”. A família nunca soube que era a própria causa desses ensaios mórbidos. Mas também em que esse reconhecimento ajudaria? Enfim, depois de mais de um ano de terapia, a sua madrinha fez questão de, em alto e bom som, diante das pessoas na recepção da clínica, agradecer o que eu tinha feito por sua afilhada. Uma garota sensível, muito inteligente, mas que “era preguiçosa” para estudar, me facilitou em ajudá-la ver os seus potenciais, e fazer valer à sua vida.

Esse outro caso, a mãe uma sulista enorme fez questão de deixar claro que a garota inventou esse negócio de terapia porque algumas colegas do colégio faziam, mas que não precisava, porque elas se davam muito bem. Não demorou muito para constatar que não se tratava de uma simples imitação do tipo “Maria vai com as outras”. Essa jovem, de quatorze anos de idade, tinha necessidades reais e sérias. Na seção seguinte revelou um ódio mortal pelo pai - também ausente, pelo qual tinha admiração por sua “garra” empreendedora, mas não admitia -, e que viver era uma perda de tempo, então por que não antecipar já que sabia toda sua história? O suicídio era uma idéia fixa. O final do segundo mês de terapia coincidiu com suas férias letivas, e ela aproveitou para não mais voltar.

Segundo Lasch (1991), a família já não mais proporciona recursos emocionais para enfrentar a sociedade moderna. Agora, longe de preparar os jovens para essa penosa experiência, ela se mostra inadaptada. Isto também se estende à vocação, muitos adolescentes mesmo sem assistência emocional materna e/ou paterna, no entanto não deixam de ser direta ou indiretamente exigidos de que sejam bem sucedidos não só na vida afetiva, e também na escolha profissional. Ou seja, em áreas delicadas e cada vez mais competitivas, respectivamente.

Para Mowrer (apud LASCH, 1991), uma das facetas mais pronunciadas e surpreendentes da modernidade é a repressão das emoções. Cada vez mais pacientes pedem para se livrarem da emoção, isto é, desejam se tornar “máquinas”, assim esperam que tenham o domínio da razão que os poupa das dores emocionais e das angustias cotidiana e do existir. Preocupante é que esse clamor venha de gente muito jovem, porém já desencantada com a vida. Essas pacientes adolescentes acima comentadas não aceitavam a emoção porque as faziam sentir-se fragilizadas, sozinhas, e a morte era o desejo inconsciente de estancar esse sofrimento. Atualmente, regidas

pelo “imperativo do gozo” (expressão de LIPOVETSKY, 2005), as pessoas estreitam o limiar de tolerância para qualquer mal estar físico e psicológico, até para perda recente, a exemplo da morte de ente querido, não se permitem ao “tempo devido” para elaboração do luto. Afinal, para quê sofrer se o mercado farmacêutico tem sempre uma pílula para todos os incômodos e males?

Não se espera que “abracem” ou se “debrucem” sobre a dor de modo masoquista, no entanto a vida não está nos extremos de inferno absoluto ou paraíso. A dor, por vezes, é inevitável, porém com amparo da família, dos amigos, ela se torna suportável. As sociedades instigam o fútil, superficial, ao prazer anônimo e imediato, assim, gera-se “robôs” para produzir e reproduzir os prazeres egoístas ditos mundanos, considerados como modernos. Mas também se ver extremos, jovens engajados em religiões que se apuram em posturas adocicadas, enjoativas e muito “santas”, que excluem o sexo, o prazer sensual ou disfarçam sua relevância. As dores, os prazeres e as frustrações fazem parte do viver. Em vista disso, cabe ao humano vivenciá-los e aprender a “endurecer sem perder a ternura” como filosofava Che Guevara. O que não é nada fácil, uma vez que, “endurecer” geralmente também faz secar junto à sensibilidade, a poesia, a compaixão e o amor.

Pelo exposto, os desequilíbrios e vícios dos jovens não estão, necessariamente, no adolescer, mas passam por questões que são inerentes à família, à escola, à política, etc., que não mais apresentam firmeza de caráter, coerência nos afetos e nas condutas do educar. Segundo Lévy (2005), uma comunidade virtual se aproxima do ideal do coletivo inteligente, mais imaginativo, mais rápido, mais capaz de aprender e de inventar do que um coletivo inteligentemente gerenciado. Será? Os valores estão de “ponta cabeça”, e não se sabe mais em quem acreditar ou confiar. A paranóia é generalizada, em que parece não existir saídas, mas apenas aberturas de fuga, no narcisismo do culto ao corpo; no se expor ou se esconder na Internet e outros. Enfim, a limitação em não dá conta do real, fez do homem um caçador de espaços imaginários para negar ou fugir da sua condição limitante. A dimensão virtual deve ter a função de uma dobra auxiliar da realidade, e não a de sobrepujar as naturezas.

No entender de Guattari (2005), a juventude embora esmagada pelo econômico dominante que lhe confere um lugar precário e manipulado pela mídia, mesmo assim, não deixa de desenvolver as suas próprias distâncias de singularização em relação à subjetividade normalizada. Esta afirmativa parece questionável, pelas razões que destaca Bourdieu (2001-grifos do autor), de que a “civilização” do jean, coca-cola e de McDonald`s tem para os jovens não somente a concretização do poder econômico, mas também todo um sistema de simbolismo que exerce uma intermediação de sedução da qual eles mesmos contribuem para ser suas vítimas. Ou seja, tudo leva a crer que os espaços de singularização do jovem são, ainda, muito restritos e, por vezes, insustentáveis pela temporalidade de projetos que, geralmente, dependem de questões políticas. E é sabido que a escola mesmo imbuída de boas intenções não atende de modo integral a formação do jovem como profetizam as leis ou manuais institucionais.

Nesse cenário os pais já não mais encontram um equilíbrio em dosar a liberdade dos filhos, ou ficam com as “rédeas soltas” ou no “policiamento” neurótico que emperra a ambos de crescer. Embora não se admita, no entanto, não há nada de excepcional no fato de os jovens se doparem seja com drogas lícitas e/ou ilegais. Uma vez que, considerando o atual contexto, essa é a sua mais provável conseqüência. Winnicott (2002), diz que a energia instintiva reprimida constitui um perigo potencial para o indivíduo e para a comunidade, e que existe uma relação entre a tendência anti-social e a privação. Porém, certos atos de delinqüência não se dão pela privação ou carência, mas pelo excesso de liberdade e a certeza de que saem ilesos devido à quebra dos valores morais e éticos. Para Bauman (2000), nem tudo o que se deseja é permitido, e quase nada pode ser completamente alcançado para a satisfação total do desejo. Como diz Melman (2003, p.95), “o que hoje nos é oferecido é experimentar gozos diversos, explorar todas as situações”. Por isso, os adolescentes contemporâneos estão cada vez mais com dificuldade de lidar com esforço, limite e frustração.

Neste item entra o papel da escola que não é somente de ensinar a pensar e incitar os jovens a refletirem sobre temas importantes para o futuro do planeta, mas também de trazer à consciência a complexidade e as incertezas, ajudar a aprender a viver (MORIN, 2000; PAILLARD, 2002). Entretanto, muitas escolas são verdadeiras universidades e vice-versa, para o politicamente incorreto, os professores não são mais respeitados, e muitos abusam do poder. Em algumas escolas prevalece a lei do menor esforço, e muitos alunos acham que só têm direitos. Os jovens precisam de significantes, de segurança e estabilidade, porque além das suas inquietações pessoais tem que conviver com o caos social, cuja pressão geralmente está acima do limiar de sua tolerância. Sobretudo, para aqueles que adentram a vida adulta com bastante precocidade, pois logo estarão enfadados do próprio adolecer, e as drogas podem lhes servir como um “bálsamo”.

A sociedade, como diz Jeber (2005, p.25), “imprime suas bases na competição exacerbada, no individualismo, no imediatismo, no poder e no sucesso”. Dentro desta perspectiva do quantitativo, para ser bom tem que Ter muito, daí a onda dos adolescentes e jovens de quem beija mais nas baladas (ZAKABI, 2006). Essa empolgação pelo beijo, certamente, é uma substituição do ato sexual, propriamente dito, por conta do preservativo que é necessário, mas não tem como desconhecer que retira um pouco do prazer. Parece mais fácil para pais, educadores, etc., a conivência com a promiscuidade sexual e das dependências (a não se que estas tomem formas vultosas, quase sempre se faz as tais “vistas grossas”) dos jovens, ao invés de os incentivarem a usar sua energia mental e libidinosa de maneira criativa. Castoriadis (apud BAUMAN, 2000) foi assertivo quando afirmou que nossa civilização parou de se questionar, no que é corroborado por Lukacs (2005 - grifos do autor) quando diz que devemos nos engajar num repensar radical do “Progresso”, da história, da “Ciência”, das limitações de nosso saber, de nosso lugar no universo.

Finalmente, segundo Bauman (2000), o mais sinistro e doloroso dos problemas contemporâneo pode ser melhor entendido sob a rubrica *Unsicherheit*, termo alemão que engloba as palavras *incerteza*, *insegurança* e *falta de garantia* (grifo nosso). O *Unsicherheit* acrescido das

dificuldades inerente ao adolecer, só pode deixar o adolescente feito “barco sem rumo”, se drogando, beijando tudo que é boca, “ficando” com tudo que é corpo na esperança de que possa encontrar algum “porto seguro”. Porém, numa sociedade tóxica por todos os lados, o mais intenso “grito” de autonomia é não ceder aos brilhos e prazeres artificiais, nem se refugiar na morte ou nos seus derivados, mas, aprender com as situações críticas. Como diz Rolnik (2006, p.52), “a resistir o terrorismo contra a vida em sua potência desejante e inventiva e continuar teimando em viver”. Enquanto as instituições não se recompõem, se é que isso seja possível um dia, está aí a grande oportunidade dos jovens surpreenderem dando bons exemplos.

NOTAS:

1. Nesses últimos dias, de dentro dos presídios os comandos ordenaram atear fogo nos ônibus e carros de passeio, perseguir e matar policiais, inclusive bombeiros, deixando centros urbanos como o Rio de Janeiro e São Paulo sitiados, desertos.

2. É uma ajuda financeira, ou melhor, uma palhaçada do governo federal à população de baixa renda ou miserável do tipo: Bolsa escola. O pobre recebe R\$ 75, 00 (setenta e cinco reais – em torno de vinte e cinco euros) para manter dois filhos na escola. Contudo, algumas famílias, por motivo que não se sabe explicar, recebem bem mais, porém, nunca abaixo. Não foi possível encontrar informação segura a esse respeito. Se fosse um país que levasse a Educação a sério não precisava distribuir esta esmola, para começo de história não teria tantos miseráveis.

3. Boiola é um termo vulgar entre tantos outros que o censo comum utiliza para depreciar o homossexual, correspondente a “paneleiro” em Portugal.

4. Racha é um tipo de exibição de alta velocidade e peripécias automobilísticas de jovens potencialmente delinquentes ou suicidas, em via pública, sem as condições básicas de segurança para os seus participantes e pedestres que passam ou assistem em locais estratégicos, os quais se elegem, geralmente á noite, para esse tipo de “brincadeira” perigosa e ilegal. Por vezes acaba em morte(s) e ferido(s), antes que os polícia(s) os reprimam.

REFERENCIAL

BAUMAN, Z. (2000). Em busca da política. Tradução M. Penchel. Rio de Janeiro: Zahar.

BOURDIEU, P. (2001). *Contre-feux 2. Raisons d`agir*: Paris;

CLERGET, S. (2004). Adolescência: a crise necessária. Rio de Janeiro: Rocco.

CYRULNIK, B. & MORIN, E. (2000). *Dialogue sur la nature humaine*. E. de l`Aube: Paris.

DEBORD, G. (1997). A sociedade do espetáculo. Tradução E. S. Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.

DERRIDA, J & ROUDINESCO, E. (2001). *De quoi demain...* Paris: C. Flammarion.

ELIAS, N. (2001). A solidão dos moribundos, seguido de “Envelhecer e morrer”. Tradução P. Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.

FENSTERSEIFER , L & WERLANG, B, S, G. (2003). Suicídio na infância – será a perda da inocência? *Psicologia Argumento*. v. 12, n. 35, out/dez. Curitiba: Ed. Cahmpagnat.

FERRARI, A, B. (1996). Adolescência: o segundo desafio. São Paulo: C. do Psicólogo.

Frases da Adolescência. Disponível em:

<<http://www.alenacairo.wordpress.com/2006/06/28/frases-da-adolescencia/>>. Acesso em 16 jan. 2007.

GALLO, A, E & WILLIANS, L, C, A. (2005). Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia Teoria e Prática*, vol. 7, n. I, jan/jun. São Paulo: U.P. Mackenzie.

GUATTARI, F. (2000). *Caosmose: um novo paradigma estético*. 3 ed. Tradução A. L. Oliveira e L. C. Leão. São Paulo: Ed. 34.

GUATTARI, F. (2005). *As três ecologias*. 16. ed. Tradução M. C. F. Bittencourt. São Paulo: Papyrus.

JEBER, L, J. (2005). A escola e a autodisciplina: a relação professor aluno e a construção de uma convivência humana, libertária e amorosa. *Escritos sobre Educação*. v. 4, n.1, jan/jun, I, S, E, A, Teixeira. & F, H, Antipoff. São Paulo/Minas Gerais.

KEHL, M, R. (2003). As máquinas falantes. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina*. São Paulo: C. das Letras.

LASCH, C. (1991). Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada? Tradução I, Tronca e L, Szmrecsanyi. Paz e Terra: Rio de Janeiro.

LÉVY, P. (2005). *Cibercultura*. 5. ed. Tradução C. I. Costa. São Paulo: Ed. 34.

LIPOVETSKY, G. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução T. M. Deutsch. Barueri-SP: Manole.

LUKACS, J. (2005). O fim e uma era. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

MELMAN, C. (2003). O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço. Entrevistas por J-P Lebrun. Tradução S. R. Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

MORAES, M, H et al. (2006). Depressão e suicídio no filme “As Horas”. *Psiquiatria do R.G. Sul*. V. 28, n. 1, jan/abr. Porto Alegre.

MOREIRA, M, S, G. (2003). Tempos modernos. *Psicanálise e Universidade*. n. 19, set. São Paulo.

PAILLARD, B. (2002). Introduction. In: MORIN, E. *Dialogue sur la connaissance*. E. de l’Aube: Paris.

PELLIZZARI, E, M, L & ALMEIDA, R, A. (2001). Suicídio: a metáfora de Dorian Gray. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. v. 50. mar/abr, Rio de Janeiro.

RICHARDS, J. (1993). Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média. M. A. E. Rocha & R. Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar.

ROLNIK, S. (2006). Deleuze, esquizoanalista. *Cult*, ano 9, n. 108, nov. São Paulo.

ROUDINESCO, E. (2003). A família em desordem. Tradução A. Telles. Rio de Janeiro: Zahar.

SÁ, A, A. (2001). Delinquência infanto-juvenil como uma das formas de solução da privação emocional. Psicologia Teoria e Prática, vol. 3, n. I, jan/jun. São Paulo: U.P. Mackenzie.

SCELZA, C, M. (2002). O presente entre o passado e o futuro: adolescentes em direção identidade. Revista Psicologia Clínica, v. 14, n. 2. Rio de Janeiro.

SENNETT, R. (2002). A Corrosão do Caráter. Tradução M. Santarrita. Rio de Janeiro: Record.

VASCONCELLOS, S, J, L et al. (2006). O processo das informações sociais numa amostra de adolescentes agressivos. Psiquiatria do R.G.S, v. 28, n. 2, mai/agos, Porto Alegre.

WINNICOTT, D, W. (2002). Privação e delinquência. Tradução A. Cabral. São Paulo: M. Fontes.

ZAKABI, R. (2006). Vinte beijos numa noite... Veja. São Paulo: Ed. Abril, n. 5, fev.